

OUTROS TEMAS

QUANDO A ESCOLA É A “CASA”, A “RUA” E O “QUINTAL”

ELOIZA DIAS NEVES

Texto inspirado em um capítulo de minha tese de doutorado (Neves, 2008).

RESUMO

Relato sobre uma escola pública rural do interior do Estado do Rio de Janeiro, na qual estudantes têm tido o melhor desempenho regional no Exame Nacional de Ensino Médio. O estudo de caso teve como objetivo entender que sentidos tem a instituição para a comunidade, o que poderia explicar o bom desempenho. Foram usadas técnicas etnográficas (observação participante, análise documental e entrevistas biográficas) e aplicados questionários, e a análise dos dados teve como referência autores da Sociologia e Antropologia, como Dubar, Dubet, Canário, Tardif, Geertz e DaMatta. A diretora gere a escola pública como se fosse privada e supera fronteiras de uma organização burocrática. Os professores têm autonomia para realizar o trabalho, parecem possuir elevada autoestima e veem a escola de pelo menos três modos: a “escola-família”, o espaço de ensino-aprendizagem e o “quintal de casa”.

ZONA RURAL • ESTUDO DE CASO • PROFESSORES • AUTONOMIA ESCOLAR

WHEN THE SCHOOL IS THE “HOME”, THE “STREET” AND THE “YARD”

ELOIZA DIAS NEVES

ABSTRACT

This is a report about a rural public school in the state of Rio de Janeiro, in which the students were recognized for the best regional performance in the Exame Nacional de Ensino Médio [National High School Exam]. The objective of this case study was to understand the meaning the institution holds in the eyes of the community, and analyze whether it might explain the students' high performance. Ethnographic techniques were used (participant observation documentary analysis and biographical interviews) and questionnaires were applied; the data was analyzed with reference to authors in the fields of Sociology and Anthropology, such as Dubar, Dubet, Canário, Tardif, Geertz and DaMatta. The director manages the public school as if it was a private school and overcomes the boundaries imposed by bureaucratic organization. Teachers have autonomy to do their work as they see fit, appear to have high self-esteem and see the school from at least three perspectives: the “family school”, the “teaching and learning” space and the “home’s backyard”.

RURAL AREAS • CASE ESTUDY • TEACHERS • SCHOOL AUTONOMY

IMAGINE-SE DE REPENTE saindo de um carro, braços ocupados pelo material de trabalho (caderno e máquina fotográfica), só, num pequeno lugarejo cujo ar cheira a flor e a fumaça de fogão de lenha, de rua única, com algumas poucas casas e lojas, uma igreja católica em reforma, mais de uma igreja protestante e uma escola. A escola de Vista Alegre tinha, em abril de 2005, quando lá cheguei pela primeira vez, as paredes brancas salpicadas de muitos desenhos coloridos que, descubro depois, foram feitos pelos estudantes e professores em 2004. O muro é o limite entre o “mundo da escola” e o “mundo de fora” e marca um novo cenário que eu estava prestes a conhecer. A primeira impressão é que a escola estava vazia, tal o silêncio ao meu redor. Toquei a campainha ao lado do portão azul trancado e esperei ansiosa, preocupada em me ajeitar depois da longa viagem, ajustar-me e ser aceita¹.

¹ Início esta descrição inspirada em Malinowski (1980).

Este artigo constitui um relato etnográfico sobre esta escola pública, rural, fluminense, em que os estudantes têm conseguido o melhor desempenho regional no Exame Nacional do Ensino Médio – Enem. O que se buscou conhecer foram quais seriam os significados da instituição para a comunidade escolar que poderiam explicar os bons resultados acadêmicos. Foram realizadas visitas de campo entre 2005 e 2007, com frequência variada de uma ou duas vezes ao mês, totalizando 25 dias. Nesse período, além da observação participante, um questionário sobre os dados socioeconômico-culturais dos estudantes e dos professores foi aplicado. Outra fonte de coleta de dados foram entrevistas na linha de história de vida com 15 professores que lecionavam várias disciplinas, das classes de alfabetização ao último ano do ensino médio e que trabalhavam há mais de dez anos na escola.

Para a interpretação dos dados, a interlocução foi feita com vários autores da sociologia e da antropologia, como Rui Canário, François Dubet, Georg Simmel, Juarez Dayrell e Roberto DaMatta.

Num primeiro momento, descrevo a comunidade local e delinheiro o perfil socioeconômico dos estudantes e de suas famílias. A seguir, apresento a escola: seu histórico; a população discente, docente e o pessoal auxiliar; seu funcionamento e os modos de interação coletivo.

VISTA ALEGRE: UMA LOCALIDADE EM FRANCA EXPANSÃO

Vista Alegre é um distrito centenário de um pequeno município do interior do Estado do Rio de Janeiro, com 25.333 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (FUNDAÇÃO IBGE, 2011), que vivem principalmente da agropecuária, embora desde 2006 nada menos do que quatro indústrias (embalagens e potes plásticos, ração, fralda descartável) foram criadas na região², somando-se a algumas pequenas e caseiras confecções de moda íntima.

No distrito vivem cerca de três mil pessoas, sendo a maioria pequenos agricultores familiares descendentes de colonizadores portugueses, suíços e alemães, que começaram a chegar à região em meados do século XIX. A cultura cafeeira foi a principal atividade agrícola e perdurou por muito tempo, até entrar em declínio e ser complementada pela chamada “lavoura branca” (cultivo de inhame, batatas, hortaliças etc.), comercializada nos centros urbanos do sul do Estado do Rio. Os pequenos e médios proprietários cultivam, ainda, lavouras de subsistência, como arroz, feijão e frutas.

É cada vez menos comum as pessoas da vila se reunirem à frente das casas, ao fim do dia, para conversar, “como uma grande família”, o que era uma prática cotidiana até uns cinco anos atrás, segundo lembram alguns moradores. Nesse momento, trocavam-se as notícias do mundo e se planejavam as próximas festas, geralmente ligadas a uma igreja. As festas são de devoção a santos, às vezes, com danças, como a apresentação da Quadrilha Pé de Fogo, formada por adultos e jovens do lugar e redondezas. Elas costumam ser aproveitadas para arrecadação de fundos em favor de alguma instituição, como a escola ou a igreja católica. Existe um “calendário de pedir”, acordado entre os moradores mais antigos, para que cada instituição tenha vez na realização de almoços beneficentes, brechós etc.

Há cinco anos, o fazendeiro dono das terras ao redor da centenária vila criou um loteamento, sem nenhuma infraestrutura, como água, esgoto e luz, para o qual se mudaram 180 famílias, o que causou um forte impacto na vida social e econômica do lugar, pois chegaram muitas “pessoas diferentes”, segundo os moradores mais antigos.

Em agosto de 1997, foi criada a Associação de Moradores, Produtores Rurais e Artesãos de Vista Alegre, por iniciativa de um grupo de moradores,

2

Por incentivo do atual prefeito, que tenta modificar a economia predominantemente rural da região, mesmo que isso signifique isenção de impostos municipais e sufocação de uma tendência natural da região ao turismo e à produção agrícola familiar. Ainda não foi possível avaliar o impacto desse fato na vida dos moradores, mas os estudantes e professores estavam divididos entre a aceitação, com esperança de emprego nas fábricas, e o repúdio, sendo a primeira tendência a da maioria.

para tentar diminuir a quantidade de incêndios indiscriminados e incontrolláveis, atividade muito comum entre os agricultores da região para limpeza do terreno antes do plantio. Além disso, no início de sua existência, a associação lutava pelo asfaltamento da estrada principal que liga o lugar ao centro urbano e pela reativação do posto de saúde comunitário, fechado há anos. Trata-se de um fórum aberto de discussões de questões gerais da comunidade, que são encaminhadas aos poderes constituídos e às instituições privadas (como a empresa de luz, por exemplo). As reuniões acontecem uma vez por mês, e a escola é um dos locais usados pelos moradores para buscar apoio a ações relacionadas às manifestações culturais locais e à melhoria da educação. O asfalto chegou há sete anos e o posto foi reaberto, com a implantação do Programa Médico de Família. Mesmo assim, passados 11 anos, o problema dos incêndios continua, pois em agosto de 2007, um dia depois de uma grande festa comunitária, durante a qual houve a criação de um circuito turístico, o fogo destruiu toda a vegetação do lugar, o que desencadeou uma nova campanha da associação junto aos moradores, no sentido de sensibilizar, informar e cobrar compromisso por escrito de mudança na prática.

Apesar dos problemas, a infraestrutura da comunidade é boa quando comparada a outras regiões do país, pois há energia elétrica em muitas propriedades rurais, as estradas de acesso são trafegáveis durante o ano todo, com raras exceções. A comunidade tem sofrido com a enorme queda da produção agrícola e a dificuldade na comercialização dos produtos, o que faz com que muitos jovens busquem outras opções nos centros urbanos. Como grandes problemas sociais locais, a falta de emprego para os jovens e o alcoolismo devem ser citados, ambos aparentemente relacionados entre si.

Segundo os últimos dados do IBGE, 55,3% da população brasileira era rural em 1960 e diminuiu para 18% em 2002. Acredita-se, no entanto, que esses dados estão subestimados, porque a definição de rural utilizada pelo IBGE não incorpora com fidedignidade a ruralidade discutida anteriormente. Segundo Veiga (2002), os censos demográficos obrigam os municípios a indicar sua zona urbana e rural, chegando-se a uma contagem que considera urbana a população de pequenos municípios com baixa densidade populacional, valores e cultura essencialmente rurais. A estratificação proposta por Veiga (na qual ele utiliza critérios usados internacionalmente para a localização de municípios rurais, densidade demográfica e tamanho de sua população) indica um total de 4.490 municípios que deveriam ser classificados como rurais, o que reduziria a população essencialmente urbana a apenas 58%.

Embora a escola de Vista Alegre seja catalogada pela Secretaria Estadual de Educação como urbana, por estar localizada dentro da vila, a região é marcadamente rural, um conceito bastante controverso, mas que não será discutido aqui³.

3

A decisão adotada neste estudo é a do IBGE: educação rural é definida como a de alunos que residem em áreas que são externas ao perímetro urbano. Como apontou Carneiro (1998), rural acaba sendo considerado aquilo que está fora dos referenciais urbanos. Mas a opção se deu porque a maioria dos estudos e das estatísticas governamentais sobre educação rural faz uso dela, o que facilitou o acesso aos dados. No entanto foi tomado cuidado na análise do censo escolar em que Vista Alegre aparecia com a qualificação urbana.

CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DOS PAIS

Mais da metade dos estudantes da escola de Vista Alegre (55,2%) são filhos(as) de pequenos sítiantes e trabalhadores assalariados de fazendas ou sítios, sendo que destes 20,6% têm lavoura própria, 17% trabalham em lavoura à meia e 18,3% são empregados mensalistas. Segundo a professora de Ciências, cerca de 44,3% dos estudantes são “moradores de beira-de-rua”, filhos de comerciantes, pedreiros, funcionários públicos, trabalhadores de confecções, aposentados, serventes, motoristas, mecânicos, professores e “sacoleiros”, que moram em sítios ou no novo loteamento, situado próximo à escola. Apenas seis pais de estudantes da escola trabalham nas novas indústrias.

Quanto às atividades das mães, a maioria é dona de casa (51,6%), seguida de empregada doméstica (14,6%) e de outras profissões (14,3%), como professora, secretária, merendeira, aposentada, costureira, babá, comerciante, artesã, manicura.

Do ponto de vista da escolaridade, verifica-se uma certa homogeneidade entre os pais e mães, pois ambos estudaram, em sua maioria (45% e 49,5%, respectivamente), até a quarta série do ensino fundamental e, ainda, o número de pais e mães analfabetos é de 11,7% e 12,6%, respectivamente.

Embora seja mínima a quantidade de pessoas que cursaram a faculdade, o número de mães é o dobro do de pais. A maioria delas é de professoras, algumas das quais lecionam na própria escola.

Esses dados são importantes para compor a medida de capital cultural: a escolaridade dos pais ou responsáveis costuma ser usada, junto com a quantidade de livros disponíveis em casa, materiais de leitura (jornal, revista, livros etc.), hábitos de leitura, frequência ao cinema e ao teatro, assiduidade na frente da televisão. Todas essas variáveis ajudam a definir, em pesquisas quantitativas, um ambiente mais favorável ou desfavorável para a realização das tarefas educativas.

O apoio familiar é um dos principais fatores do processo de aprendizagem segundo o Sistema de Avaliação da Educação Básica – Saeb (BRASIL, 2007). Mesmo apresentando baixa escolaridade, os pais valorizam e buscam a escola de Vista Alegre, na esperança de um futuro melhor para seus filhos, talvez até fora da lavoura, realidade coincidente com a encontrada pela pesquisa de Demartini (1988) sobre as escolas do meio rural paulista do início do século passado. A maioria das crianças, no entanto, ajuda sua família no trabalho diário e também acontece de os pais acharem que os filhos “não dão para o estudo” e dizerem que eles ganham mais ajudando em casa. A escola tem duas turmas de quintas e sextas séries, mas apenas uma turma desses níveis em diante, devido à evasão. À necessidade de trabalho para ajudar a família, somam-se a dificuldade de aprendizagem e a ausência de cursos noturnos. Essa realidade coincide com a descrição etnográfica feita por Brandão (1990) sobre a cultura camponesa e a escola rural em Catuaçaba, interior de São Paulo.

Em que pese a valorização do trabalho escolar e talvez pelo nível de escolaridade dos pais, estes mantêm muito pouco contato com a realidade do lado de dentro do muro da escola. Uma situação referida por Dubet (2002) como comum às famílias menos favorecidas, onde os pais confiam muito nos professores e parecem desinteressar-se pelos estudos dos filhos, não sendo capazes de ajudá-los. De fato, aqui a comunicação entre os dois mundos é precária, segundo a maioria dos professores da escola, o que não parece atrapalhar o trabalho de alguns deles, mas que é referido como um aspecto que aumenta a solidão do trabalho, por outros.

Ao examinar as pesquisas anglo-saxãs e francesas, entre 1970 e 1990, sobre o efeito que a escola tem sobre o bom desempenho dos estudantes, Bressoux (2003) cita um trabalho empírico que conclui que as escolas eficazes em regiões desfavorecidas parecem fechadas à influência dos pais (p. 54). A presença de pais na escola se faz em apenas duas reuniões anuais convocadas pela direção, que alega que eles não têm tempo, porque trabalham muito, além de que moram longe. Fora nas festas (juninas, de comemoração do centenário do distrito, por exemplo), em que a presença de todos é maciça, presenciei, nesses três anos, apenas poucos responsáveis por crianças entrando pelo portão onde termina o muro em frente ao qual eu aguardava para entrar na escola. E estavam lá porque haviam sido chamados para tratar de problemas de mau desempenho, evasão por gravidez precoce e por desinteresse nos estudos.

A ESCOLA-DA-DONA-CLAIR

O grande muro colorido à minha frente é a parte mais bonita da escola-da-dona-Clair, como ela é chamada pelos pais dos estudantes e conhecida em toda a região. Seu portão azul separa a rua única do distrito de um largo corredor acimentado e descoberto por onde todos entram e que dá acesso aos espaços escolares. Ele contrasta com o pequeno espaço interno da escola, cujas paredes e móveis são velhos e gastos pelo tempo⁴. O corredor de salas de aula termina na parte mais antiga da escola: um *hall* que conduz a três salas de aula, a cozinha, a sala da direção. De frente para este amplo corredor está o pátio de chão batido, muito frequentado durante o recreio, para brincadeiras como jogos com bola, bola de gude, piques. Há um grande pé de nêspera, cujos frutos mal têm tempo de amadurecer e já desaparecem e, no fundo, fica a quadra de esportes, descoberta, com alambrado quebrado, que faz limite com um rio poluído, no qual é jogado todo o esgoto da vila. Esse pátio é pouco usado pela maioria dos professores para os trabalhos acadêmicos (fora o professor de educação física que ministra 99% das aulas ali, vi apenas quatro aulas acontecendo sob a árvore), mas para os alunos ele representa o local do encontro, junto com o corredor, onde se brinca, conversa, come, canta, namora.

No seu conjunto, o espaço físico é rústico e pequeno, precário. Ao sair de lá naquele primeiro dia do ano de 2005, anotei em meu diário de

4
A última reforma foi feita em 1998 e, apesar de rápidas pinturas, a verba para manutenção costuma ser usada para obras estruturais, como a reforma da rede de esgoto, por exemplo.

campo: “impressionante a falta de espaço interno num local com tanto espaço físico! E localizado em uma comunidade em clara expansão demográfica e econômica”. A característica da precariedade do espaço físico foi citada por todos os sujeitos como um dos aspectos mais negativos da escola: falta espaço para determinados ambientes, como sala de professores, quadra de esportes coberta, banheiros em número suficiente (existe um banheiro para os funcionários e outros dois para todos os alunos), refeitório, o que fazia com que os estudantes comessem as refeições sentados no chão ou em pé, com o prato quente à mão, no ano que lá cheguei. Uma nota publicada em famosa coluna de jornal de grande circulação no Estado do Rio, em abril de 2006, com fotos que mostravam essa situação, fez com que a escola ganhasse mesas e cadeiras usadas de uma empresa carioca. O poder público estadual limitou-se a ligar para a direção, proibi-la de dar qualquer entrevista e mandar um engenheiro para verificar o local. Até dezembro de 2007, o refeitório ainda não havia sido construído, o que mantinha a situação anterior: quando chovia, os estudantes não podiam sentar-se para comer, porque o mobiliário estava molhado; quando o dia estava claro, eles igualmente não o utilizavam por não aguentarem ficar muito tempo expostos ao sol. O ano letivo de 2008 iniciou-se com as mesas e cadeiras (já velhas) protegidas por um grande varandão construído pela Secretaria Estadual de Educação.

O espaço reservado à biblioteca é uma sala de não mais do que seis metros quadrados, onde as estantes dividem espaço com duas pequenas mesas com cadeiras, usadas pelos alunos em pesquisas. Este espaço também é ressignificado pelos professores que costumam preparar aulas, se reunir na hora do recreio, conversar e fazer as refeições ali, juntos. Vi vários avisos da direção e de colegas de turno e/ou dia diferentes para os professores colados no tampo das mesas.

Outros espaços, tais como a cozinha, a secretaria e muitas das salas de aula, também são exíguos e insuficientes para a realização do trabalho, tanto que muitas vezes os estudantes de turmas maiores assistem a aulas sentados no corredor, ou, então, o professor é obrigado a dividir a turma em dois grupos e dar aula em dois tempos, quando vão ao laboratório de informática ou quando vão à biblioteca. No total, são sete salas de aula. Entretanto, por mais que a infraestrutura do estabelecimento não esteja adequada ao funcionamento das atividades desenvolvidas e ao atendimento dos estudantes, a escola está entre os 6% das brasileiras localizadas em meio rural que possuem mais de cinco salas de aula (BRASIL, 2006).

Em todas as salas há crucifixos nas paredes, nos corredores, podem-se encontrar murais com referências ao catolicismo, e a maioria dos professores costuma rezar um Pai Nosso, “a reza universal” segundo alguns deles, antes das aulas⁵.

Em termos de equipamentos e recursos educativos, fora os livros estocados na “biblioteca”, há pouco material de apoio específico para as

5

O que acaba virando motivo de gozação entre os estudantes, que comentaram com o professor de inglês que ele deve “rezar mais de um terço por dia”.

disciplinas que compõem o currículo. No caso das aulas de Educação Física, elas se realizam em uma quadra de esportes descoberta, com alambrado arreventado pelo tempo, e cujo material único é uma bola.

Em contraste, há outros recursos materiais da escola em maior variedade e quantidade. São três videocassetes e três televisões, duas antenas parabólicas, uma *internet* a cabo, duas impressoras, um mimeógrafo (ainda muito usado), um fax, dois aparelhos de som, três bebedouros, 18 ventiladores e 23 computadores, dentre os quais dois são usados pela administração e dez ainda aguardam dentro das caixas um local para serem disponibilizados aos estudantes.

HISTÓRICO DA ESCOLA

A escola atende a mais de trezentas crianças, em dois turnos: pela manhã, os estudantes do primeiro ao quinto ano, e à tarde, adolescentes estudantes do sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. O número significa que ela está entre as apenas 2,8% das escolas brasileiras situadas em zona rural com mais de 300 alunos (BRASIL, 2006).

Pelo menos duas observações merecem destaque aqui: a escola está entre os 4,45% de estabelecimentos do Brasil rural que oferecem o ensino médio (BRASIL, 2006); em 2005, o atendimento abrangia desde o maternal até o quarto ano normal, o que quer dizer que o Estado tem trabalhado lentamente em relação à oferta de vagas à comunidade. Um caminho inverso ao da história da escola, que nos últimos 51 anos mobilizou esforços para expandir sua oferta de serviço público, história que se confunde com a história de dona Clair, diretora do colégio há 51 anos.

A escola-da-dona-Clair foi criada em 1950, em terreno doado por pequenos proprietários rurais e políticos, que buscavam oferecer estudo aos filhos dos muitos colonos que trabalhavam nas lavouras de café e fixá-los na região. Lembro que o período posterior ao da Segunda Guerra Mundial é marcado pelo grande crescimento da oferta de serviço escolar, período este denominado por Canário (2005) "a escola num 'tempo de promessas'", quando as despesas com a educação escolar eram vistas, de acordo com a teoria do capital humano, como de retorno certo. Das atividades escolares em Vista Alegre, desde o início, já participavam cerca de 40 alunos, em turmas multisseriadas.

O ensino regular em áreas rurais brasileiras surgiu com o advento da monocultura cafeeira e com o fim da escravidão, quando a agricultura passou a necessitar de mão de obra especializada. Embora nascido no fim do Segundo Império, o ensino escolar somente se implantou amplamente na primeira metade do século XX (CALAZANS, 1993).

A partir da década de 1930, há uma grande defesa da educação rural no Brasil, na busca de se promover a fixação do ser humano no campo, integrada a preocupações sanitaristas (MAIA, 1982). Em que pesem as missões rurais pelo interior (nas quais se ofereciam cursos de formação

para professores da área), poucas foram as medidas significativas que propiciaram melhorias quantitativas ou qualitativas. A escola de Vista Alegre já nasceu com problemas de infraestrutura e de falta de professores e a contratação de uma professora nativa, dona Clair, formada na Escola Normal, em 1957, foi uma tentativa (muito bem-sucedida) do Estado de resolver tais problemas.

Dona Clair é uma senhora baixinha, mãe de cinco filhos, católica fervorosa, calma (“a maneira de ela tratar é que até quando ela está aborrecida ela está calma”, diz um professor), de olhinhos muito vivos, nos seus 70 anos. Vivendo desde criança em Vista Alegre, onde seu pai, “comerciante do tempo antigo, vendia de tudo, de pano de cueiro até pano de caixão”, Dona Clair, que em 1957 tinha 19 anos, assumiu o colégio local, fato do qual se recorda assim: “Eu cheguei na escola, muito animada no primeiro dia, querendo conhecer tudo. Não tinha servente. Não tinha ninguém. Eu mesma limpei tudo. Trouxe a empregada lá de casa para me ajudar a arrumar [risos]. Para começar a aula no dia seguinte”. Essa diluição de fronteiras entre o trabalho docente e a casa parece ser uma realidade do profissional que atua no meio rural, como analisou Capelo em relação às professoras de áreas rurais cafeicultoras paranaenses, de 1940 a 1960:

...no passado, ser professora rural implicava em muito mais do que exercer uma profissão. Tratava-se de atuar em uma dimensão que não se enquadrava tão somente no espaço público do mundo do trabalho, ligando-se, ao mesmo tempo, no espaço privado e íntimo das vidas pessoais. O mundo privado da casa e o mundo público da profissão docente são representados de forma inseparável. (2008, p. 6)

A mulher professora fazia parte de um contexto caracterizado pela dominação masculina e a imagem feminina era marcada por missionarismo e moralidade religiosa. Dona Clair rompe com a restrição da mulher ao mundo doméstico e, na condição de professora, passa a desempenhar a função de “educar” hábitos infantis com procedimentos científicos. Entretanto, sua imagem de missionária permaneceu a mesma até hoje, assim como a diluição das fronteiras entre sua casa e seu trabalho. Certa vez, indaguei a dona Clair qual o papel daquela escola na sua vida; ela abriu um grande sorriso e disse: “Esse é o meu trabalho, a minha vida. Para essa comunidade, ela é a única esperança de futuro”. Em 2008, ela prolongou sua obra ao ver sua filha, a professora Mariana, eleita a nova diretora da escola.

Ainda nos anos de 1950, a “professora-diretora-servente” Clair dava aulas para os filhos dos lavradores de café, matriculados em todas as séries, em sala única, com quadro pequeno. Os deveres eram corrigidos em

casa, mas durante o dia, pois não havia luz elétrica na região. O desafio desse começo é descrito desta forma:

Os [estudantes] que já sabiam ler copiavam o exercício do livro, alguns copiavam do quadro e outros copiavam do caderno que eu passava em casa para eles. Os mais adiantados iam me ajudando a ensinar os mais atrasados. E todo mundo aprendia. Saia todo mundo aprendendo. Era um desafio!

Depois de três anos, outras professoras chegaram, e a escola foi deixando de ser multisseriada. Mas somente nos anos de 1980 começou a oferecer da quinta até a oitava série, depois da visita do então governador do estado, em campanha eleitoral, a uma recém-inaugurada exposição agropecuária local. Decretada a expansão da escola, restou à direção e ao núcleo educacional local arrumar os meios para execução, e vários "jeitinhos" foram dados (como, a contratação de apenas uma professora para a quinta série, que tinha, portanto, que ministrar todas as matérias). Até que, em 1985, com a duplicação do número de matrículas do pré-escolar até a sétima série, o estado liberou a construção de novas salas, e, a partir de um documento assinado por cerca de 300 pessoas, conseguiu-se a criação do ensino médio com formação de professores, em 1987, um ano depois de a primeira turma já ter concluído o, então, primeiro grau (FARIA, 1992).

Além da demanda por estudo, da organização e luta da comunidade, e da dedicação exclusiva da dona Clair ao seu trabalho, outros fatores contribuíram para a transformação da escola em colégio. O primeiro foi que alguns professores provenientes do Rio de Janeiro e de outras cidades maiores compraram sítios na região e passaram a se interessar pelo lugar, lecionando matérias como Matemática, Física e Química, para as quais tradicionalmente há poucos profissionais, principalmente no meio rural. Além disso, esses professores interferiram politicamente na gestão estadual da educação, durante o governo de Leonel Brizola⁶. Um segundo fator é que o país vivia a expansão do ensino público básico, e o Estado passava a contratar professores e a aumentar o número de vagas nas escolas, aquele, "tempo das promessas", referido por Canário (2005).

Depois de quase duas décadas de lutas e improvisações (por exemplo, durante um ano, a turma do então pré-escolar estudou no necrotério local), a escola, reconhecida como "nem sempre obediente" (FARIA, 1992), consolidou seu trabalho atendendo desde a pré-escola até o ensino médio, com formação de professores, oferta que acabou no final de 2005. Devo lembrar que, em 2006, a escola deixou de oferecer o quarto ano Normal e, em 2007, a educação infantil.

6

Um desses professores era casado com uma auxiliar direta do professor Darcy Ribeiro, então secretário Estadual de Educação, e lutou bravamente pela transformação. Segundo uma professora da época, o professor dizia que, lá na escola-da-dona-Clair, ele não se sentia "o marido da auxiliar do professor Darcy" mas apenas o professor. Contudo, para o bem da escola, atuou nos bastidores como "o marido".

POPULAÇÃO DISCENTE

São 7 horas da manhã, faz frio, e a neblina cobre boa parte das montanhas ao redor da escola. Dona Clair bate o sinal sonoro para o turno da manhã, abre o portão azul e as crianças entram, silenciosas, em grupos, pares ou sozinhas, uniformizadas com uma blusa cinza do colégio, calça comprida ou *short*, e carregando mochilas ou bolsas. Algumas vieram a pé, pois moram nas redondezas. Outro grupo saiu de casa há mais de uma hora e foi transportado pela condução oferecida pela prefeitura municipal. Todos se dirigem às salas de aula, onde ficam até às 9h30, quando bate o sinal para o recreio e o almoço. Nesta hora, há um certo alvoroço na corrida até a fila da refeição, servida por três serventes (as mesmas que a cozinham) em pratos individuais. O cardápio de hoje é arroz com frango desfiado e feijão. As crianças sentam-se, com o prato à mão, no chão do corredor cimentado que dá de frente para o amplo pátio de chão de terra onde depois brincarão exaustivamente até o fim do horário do recreio.

Agora já são 11 horas e pela terceira vez nesta manhã o sinal sonoro é acionado, agora pela coordenadora Claudia. É o final do turno. Enquanto as crianças se apressam a sair pelo portão azul e entrar nas Kombis, vejo algumas mães pegando crianças pelas mãos e saindo a pé. A escola cai num silêncio absoluto, só interrompido pelo cantar dos pássaros e pelo arrastar da vassoura das serventes, que têm menos de uma hora para limpar todo o ambiente para o turno da tarde.

Aproveito o tempo para conversar com dona Clair, que só vai almoçar com o turno da tarde (descubro depois que a cozinheira da tarde é a favorita de todos). Ela é quem toca o sinal e abre o portão azul anunciando o novo turno. Muitas crianças e adolescentes, também uniformizados, aparentando idades que variam de 10 a 18 anos, esperaram por esse momento sentados no meio-fio ou em pé do lado de fora do muro colorido, conversando animadamente em grupos. Também chegaram, em sua maioria, de condução, muitos vindos de longe, numa jornada que muitas vezes começou às 10h da manhã e que termina agora, às 11h45. O silêncio do local é transmutado num intenso arrastar de carteiras, que descubro ser um rearranjo personalizado que os grupos de estudantes mais velhos fazem antes de se iniciarem as aulas.

A instituição escolar tende a reduzir todos estes sujeitos à categoria “aluno”, independentemente do turno, idade, sexo, origem social. A essa homogeneização dos sujeitos como alunos corresponde uma homogeneização dos sentidos e objetivos da instituição escolar. O que também

reverbera no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que este acontece numa homogeneidade de ritmos, estratégias e propostas educativas, na chamada "forma escolar" da instituição (CANÁRIO, 2005).

Para Dayrell (1996), no entanto, esses sujeitos podem ser percebidos em suas diferenças, pelas visões de mundo que têm, pelos sentimentos, pelas lógicas de comportamentos e hábitos. E devem ser pensados como possuidores do que Perrenoud (1995) designa "currículo oculto", isto é, "o conjunto da experiência do aluno, tudo o que lhe acontece na escola e que [...] gera aprendizagens: a aquisição de conhecimentos, o saber-fazer e o saber-ser, a formação de atitudes" (p. 172). A escola é apenas parte do projeto do aluno e ela costuma ser polissêmica para ele, adquirindo uma multiplicidade de sentidos que nos cabe buscar conhecer.

Na escola é grande a taxa de evasão escolar no segundo segmento do ensino fundamental, pois do total de estudantes matriculados na quinta série (atual sexto ano), 65,5% não chegam à oitava série (atual nono ano). Já da quinta série para a sétima série há uma queda considerável (58 e 30 alunos respectivamente), o que pode ser explicado pela necessidade de ajudar em casa, além da dificuldade de adaptação à cultura escolar. A taxa decrescente tem-se mantido durante o ensino médio, com exceção de 2007, em que o número de alunos do terceiro ano foi recorde em toda a história da escola: 23 estudantes.

Em relação ao primeiro segmento do ensino fundamental, sabe-se que os critérios e regras que regem a promoção desses estudantes são os da Secretaria Estadual de Educação, ou seja, é realizado um relatório qualitativo de competências e habilidades, com promoção automática do primeiro, segundo e quarto ano, enquanto do segundo segmento em diante são realizadas avaliações do desempenho dos alunos, que são promovidos ou retidos nas séries. Contrariando as ordens de aprovação automática do Estado, na escola-da-dona-Clair o estudante costuma ser retido na série em que não teve bom desempenho, embora oficialmente apareça na série seguinte⁷. Assim, é dada a ele a chance de aprender a "ler, escrever e contar" durante pelo menos quatro anos.

A escola tem procurado minimizar esses problemas de mau desempenho e também da evasão de diferentes maneiras: chama os pais individualmente para conversar, explica a importância e o dever de seus filhos frequentarem a escola (quando comunica que vai "avisar" ao Conselho Tutelar); a direção cria turmas especiais de recuperação que acontecem durante todo o ano, para as quais contrata um professor que trabalha basicamente com leitura, interpretação e produção de textos, e solução de problemas matemáticos.

Mais da metade dos alunos matriculados em 2007 (52,1%) nunca repetiu, mas 31,6% já o fizeram uma vez. Outros 12,4% foram reprovados duas vezes e 3,9% dos respondentes dos questionários afirmam ter repetido de ano três ou mais vezes. Ainda em relação ao valor da escola e dos

7

Situação que causa certa confusão durante os Conselhos de Classe, porque os professores passam um bom tempo formalizando as avaliações nos diários dos colegas.

estudos, cabe dizer que 94,1% dos estudantes nunca abandonaram a escola e o restante o fez por até um ano.

Segundo a coordenadora pedagógica da escola, o desempenho das tarefas de casa pelos alunos é dificultado pela falta de escolaridade dos pais, embora 82,8% dos estudantes declarem possuir um local calmo, com mesa, para realizar os deveres de casa, o que é considerado um indicador do envolvimento dos pais. Muitos professores tendem a não incluir o dever de casa em suas práticas, alegando que a tendência é que ele não seja feito. No entanto, 27,5% dos estudantes da escola não possuem sequer um livro em casa, 59,5% deles possuem até 20 livros, e somente 3,2% afirmam ter mais de 100.

Para completar, é flagrante a pouca leitura de material não escolar pelos estudantes, e se pode deduzir que a maior parte dessa leitura foi feita na escola, único local da comunidade a possuir livros. O incentivo à leitura pelos professores é mais frequente durante o turno da manhã, em que, além de escolher e levar para a sala de aulas livros, a maioria das professoras realiza diariamente uma leitura, coletiva ou individual, silenciosa ou em voz alta.

Ainda no que se refere às práticas culturais, mais da metade (53,7%) dos estudantes daquele meio rural nunca foi ao cinema, mas 78,9% deles dizem assistir muito à televisão nos fins de semana, sendo que mais da metade dos alunos tem um aparelho em casa (34,8% dos estudantes afirmam possuir dois ou mais televisores). Das casas dos estudantes de Vista Alegre, 75,8% têm antena parabólica. Os estudantes também afirmam gostar de música e 64% a ouvem frequentemente. Outra atividade realizada nos fins de semana são os jogos de futebol, praticados ou assistidos por 36% do alunado. Por fim, 33,3% dos estudantes dizem ir à igreja católica aos domingos, seguidos dos que declaram frequentar igrejas como Assembleia de Deus (4,8%), presbiteriana (2,6%) e outras evangélicas (1,3%).

Dos estudantes, 91,6% moram junto com as mães e 73,5% têm a presença paterna sob o mesmo teto. Ainda, 79,4% dos estudantes ajudam seus pais no trabalho de casa (32,4% deles, inclusive nos fins de semana), sendo que, desses, 20,9% trabalham na roça. Mesmo os estudantes de apenas 7 anos de idade capinam, roçam, colocam as mudinhas na cova, além de participarem em outras tarefas, como ordenhar vacas, carregar terra no carrinho, lavar roupa, cuidar do irmão, da avó; enfim, “brincam de trabalhar com o pai e a mãe”, resposta dada prontamente por um menino quando perguntado sobre do que eles brincam em casa.

Vale ressaltar quais são as expectativas de futuro dos estudantes. Dos 23 estudantes cursando o último ano do ensino médio em 2007, poucos tinham planos de continuar seus estudos no nível superior, pois os pais não têm condições financeiras de sustentá-los numa faculdade particular (perto de casa), nem numa da rede pública (longe de casa, o que requer gastos com estadia e alimentação, além do material)⁸.

8

Cabe referir que, no início do ano de 2007, fui procurada por duas estudantes do terceiro ano do ensino médio, que queriam aconselhamento e ajuda na elaboração de um projeto para financiamento de seus estudos numa universidade pública federal fluminense. Cerca de cinco estudantes garantiriam a vaga, e o poder público, o transporte e a estadia no alojamento. Embora tenha me parecido brilhante, a ideia não vingou porque eram muitos os empecilhos.

A escola é considerada como o “maior espaço de convívio social” daqueles estudantes. O horário do recreio é um momento do encontro e da alimentação. Depois de enfrentar uma longa fila e comer, os estudantes se espalham por todos os espaços dentro e fora das salas de aula, conversam, brincam de bola, de roda, de dar piruetas, de subir em árvores, de cantar, de imitar passarinhos, de tocar violão em rodas, até de namorar (embora isso seja proibido dentro da escola). A escola-da-dona-Clair é o referencial de lazer daqueles meninos e meninas que trabalham muito, quando não estão na escola. Segundo um deles, por isso, “o estudo flui muito melhor”. A escola é o espaço do encontro e do lúdico, da “sociabilidade pura”, na fala de Simmel, em que a interação se dá entre iguais: “A sociabilidade é o jogo no qual se ‘faz de conta’ que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e ‘fazer de conta’ não é mentira mais do que o jogo e a arte não são mentiras devido ao seu desvio da realidade” (1978, p. 173).

Outrossim, na escola, tanto dentro da sala de aula como fora dela, é possível a convivência com a diferença de um modo distinto da família e do trabalho, qualitativamente. Os estudantes lidam com suas subjetividades, falam de si, trocam experiências, ideias, vivências. E, ao mesmo tempo, têm acesso aos códigos culturais dominantes que podem lhes garantir um espaço no mercado de trabalho.

A valorização da escola pode ser sentida em outros momentos. É muito comum encontrar estudantes do turno da tarde chegando às 8 horas da manhã na instituição, em que passam o dia para fazer seus trabalhos escolares. A escola é o único lugar daquela comunidade, e lá há livros para pesquisa, além dos computadores e da *internet*, usados por alguns professores, estudantes e ex-estudantes. A escola também é citada como a “fonte do conhecimento” local, “essencial para a vida”, “um lugar que dá *status* frequentar”. Cheguei a ouvir de uma mãe, de maneira emocionada: “tudo o que meu filho sabe ele aprendeu aqui”⁹. Concluindo, ela parece manter o monopólio do saber local.

Junto com o empenho da maioria dos professores, a vontade de aprender e o interesse dos alunos foram citados por praticamente toda a comunidade como os fatores que justificavam o bom desempenho no Enem. “A escola é o meu horário de descanso”, disse-me um aluno do ensino médio. Talvez com certo exagero.

POPULAÇÃO DOCENTE E PESSOAL AUXILIAR

São 11h50 e entro (depois do professor) na turma 501 a convite do professor Aquiles, de educação física, com quem já havia conversado anteriormente sobre a escola. Ele trabalha frequentemente na quadra de esportes e esta é uma das poucas aulas que ministra em sala de aula. Trinta alunos estão presentes e é grande a excitação, pois o professor explica seu sistema de avaliação, que

⁹ Aliás, essa foi outra surpresa, a “mãe-aluna” da quarta série da escola-da-dona-Clair. Rosely, 26 anos, é mãe de Thiago, 9, hemofílico (precisando, portanto, de cuidados especiais), e, ao mesmo tempo, aluna. Foi convidada a voltar a estudar pela diretora, que não se conformou de vê-la esperando pelo filho à porta da sala e a levou para dentro, proporcionando “uma das maiores emoções” de sua vida, que foi o reencontro com os estudos, abandonados na segunda série do ensino fundamental.

consiste em uma avaliação prática, uma avaliação escrita e uma avaliação diária. Nesta, avalia comportamento em grupo e participação, um objetivo de seu trabalho: “Vocês têm necessidade de movimento”. A avaliação prática é sobre aplicação de regras do esporte, técnicas, coordenação motora e aprendizagem de táticas de jogo. A avaliação escrita versa sobre alguns esportes e tem um peso menor que as outras. Os alunos estão muito atentos à explicação e alguns emitem comentários. O clima é muito alegre, com piadas (como “vocês escutam o galo cantar e não sabem em qual terreiro” sobre uma afirmação equivocada de um estudante), e algumas vezes, durante uma risada geral, ouço (e custo a acreditar) imitações de cantos de passarinho! Três alunos de outra turma assistiam à aula pela janela e foram convidados (e aceitaram) a entrar. Aquiles introduz o tema da aula: futsal. Desenrola um engraçado “pergaminho”, composto por um rolo de papel preso em uma caneta, onde está o texto teórico que vai lendo, comentando e copiando no quadro. Silêncio. Os alunos copiam muito atentos.

Em que pese o fato de que na instituição escolar haja um conjunto de tempos e espaços ritualizados, e os processos sejam parecidos e tudo leva a ensinar uma matéria, há, por trás, uma complexa e dinâmica rede de relações entre os professores e seus estudantes. Essa rede de relações reflete o modo de ser dos sujeitos, como convivem com as diversidades de valores e visões de mundo e o(s) “clima(s)” que criam na sala de aula.

O mundo dos estudantes, por sua vez, tem uma dinâmica própria e diversa do mundo do professor, sua matéria, seu discurso, seus objetivos e práticas. Esses mundos são separados, embora por vezes se cruzem. Tanto o professor como o aluno produzem um discurso e um comportamento que classifica, hierarquiza, (des)valoriza, e eles acabam criando “tipos” de alunos e de professores. Isso para não falar da direção¹⁰.

Na escola, tanto os estudantes como os professores têm uma opinião muito boa um do outro. Os estudantes consideram os professores “sérios”, “dedicados”, “excelentes”, mas também “exigentes demais” e “chatos”.

Os professores, por sua vez, veem os estudantes de pelo menos três modos. Um primeiro grupo, para quem o mundo privado da casa e o mundo público da profissão docente têm sido representados de modo inseparável, a escola é uma “escola-família”, e eles consideram seus alunos como filhos ou parentes, sendo que sentem por eles orgulho, carinho e até pena. Desse modo, esses professores são uma espécie de encarnação da instituição escolar, exercendo as funções de homogeneizar e tratar a todos os “filhos” igualmente. Na ótica de Roberto DaMatta (1997), *grosso modo*, a casa é o espaço das relações calorosas, onde há lugar para todos, em distinção à rua, local do público e do estranho.

10

Ao todo são 44 funcionários na escola, dentre os quais 24 são professores concursados e seis trabalham em regime de contrato temporário. Há 7 profissionais extraclasse, outros 7 funcionários de apoio, responsáveis pela limpeza e pela cozinha. Se, por um lado, houve uma expansão da escola e do público escolar nos últimos anos, por outro, o número de professores tem-se mantido o mesmo e se sabe da enorme dificuldade de se encontrarem professores para o meio rural.

11

Lembro que tais condições não são exclusivas desses espaços e que tudo é relacional. Desse modo, embora concebam a escola como um espaço do trabalho (do público, em princípio, portanto, no "mundo da rua"), sentem este local como familiar, de "brincadeiras entre os colegas" em que há "professores espetaculares e sérios", "comprometidos", "integrados" etc. Ou seja, uma vivência na perspectiva do "mundo da casa". Para efeito desta análise, focalizo minha interpretação no que é mais determinante na visão do grupo.

E é "na rua" que atua um segundo grupo, que tem uma perspectiva de ser a escola-da-dona-Clair um local de trabalho, majoritariamente, ainda que acolhedor e amigável. Se o espaço privado está associado ao individual, à intimidade, à afetividade, à casa, do mesmo modo, em oposição, o público tem a ver com os negócios, com a liberdade, com a rua (DAMATTA, 1997)¹¹. O mundo público é entendido como o próprio mundo, a rua. O espaço público é o social. E a escola, como instituição moderna, é o lugar organizado e especialmente preparado para realização do processo de aprendizagem das crianças e adolescentes. Ela tem a função primordial de socializar e instruir, de oferecer uma educação distinta da familiar e comunitária (CANÁRIO, 2005; TARDIF, LESSARD, 2005).

Para esse grupo de professores que se posicionam mais da perspectiva "da rua", dona Clair é representada como uma senhora "maravilhosa", "admirável", "calma", mas, antes e acima de tudo, uma diretora, que "tem dificuldade de se impor" e "trata os professores com diferenças", que "se recolhe na parte burocrática", que "parece cansada" e "desanimada", e que "não está tão mais presente como antes". Uma gestora, uma profissional.

Vale ressaltar que é dentro deste grupo que se posiciona mais frequentemente no "mundo da rua" que se encontra a percepção de que estão diante de problemas inéditos e de difícil solução, com a chegada de novos e heterogêneos públicos, como apresentam Tedesco e Fanfani (2002). Ainda que os estudantes da escola-da-dona Clair sejam considerados os mais interessados e disciplinados que têm, esses professores percebem que eles são cada vez menos interessados em aprender.

Por fim, três professoras têm representações sobre a escola carregadas de familiaridade, uma vez que duas delas são ex-alunas e a escola era o local de trabalho com que sonhavam desde o curso Normal¹². Uma delas se refere à escola como "o quintal da minha casa", um lugar intermediário entre "a casa", e "a rua", onde acontecem situações que fogem do controle da "mãe" e do "pai" e que são ligadas ao prazer, ao lazer e ao encontro. Assim como ocorre com os estudantes da escola-da-dona-Clair, a escola é o espaço da "sociabilidade pura" (SIMMEL, 1978, p. 169), em que a interação se dá entre iguais, a "forma lúdica da socialização", "o mais puro, transparente, atraente, tipo de interação", forma esta que depende totalmente das personalidades entre as quais ocorre.

A maioria dos professores reside em área urbana: 24 ao total. Também há uma grande estabilidade no quadro docente da escola: 15 dos 30 professores estão lá há mais de dez anos e outros tantos há mais de cinco. A permanência por vários anos seguidos na escola de mais da metade do corpo docente e ao mesmo tempo a residência próxima à escola de vários professores, incluindo dona Clair, que ainda mora em sua fazenda de café (situada a cerca de dois quilômetros da escola), podem ser alguns dos fatos explicativos da criação de um ambiente positivo, de forte ligação entre os sujeitos, professores e estudantes.

12

Nas palavras da professora: "tudo o que eu queria era vir! Eu sonhava, no segundo grau, em dar aula naquela escola. Para mim, a referência de escola que funcionava com mais alunos, a mais interessante, no centro, era essa. Queria dar aula aqui".

Quanto à formação acadêmica, três professoras do primeiro segmento do ensino fundamental têm apenas o curso Normal, e uma está fazendo o curso de Pedagogia a distância. Três professoras que lecionam Ciências, Matemática e Português até a sétima série estudaram no curso Normal e mais dois anos de um curso adicional. Os outros 23 professores possuem graduação em diversas áreas, alguns dos quais com até mais de uma pós-graduação. Os professores de Matemática e Física do ensino médio também são professores de uma universidade particular em município vizinho, sendo que um deles é sobrinho de dona Clair e ex-aluno da escola, e o outro tem sítio nas redondezas.

Além da precariedade física e da falta de suportes logísticos (HUTMACHER, 1992), na escola também faltam pessoal do setor administrativo (diretor-adjunto, coordenador do segundo turno, agente de pessoal) e verbas. Tal situação demanda frequentemente um trabalho árduo de gestão, pois a diretora, a secretária, a auxiliar de secretaria e a encarregada de serviços gerais (esta última apelidada, não por acaso, de “pau para toda obra” e “faz-tudo”) têm que fazer grandes esforços para dar conta da burocracia, da supervisão do conjunto de recursos humanos e assegurarem o funcionamento da escola.

FUNCIONAMENTO DA ESCOLA E OS MODOS DE INTERAÇÃO COLETIVA

Um aspecto que define a identidade de uma escola é o modo pelo qual os sujeitos que nela trabalham se organizam e fazem funcionar as normas escolares. A forma de organização do trabalho escolar na escola-da-dona-Clair parece mais próxima a um modelo anárquico do que ao modelo burocrático (MARCH, FIRESTONE, HERRIOCKT, APUD TARDIF, LESSARD, 2005).

De qualquer maneira, essa organização sofre variação do primeiro para o segundo turno. Além do público diferenciado (crianças e adolescentes, respectivamente) e dos professores, a existência de uma coordenação pedagógica no primeiro turno proporciona um “clima acadêmico” (BONAMINO, 2005) diferente. Já havia notado que as professoras do primeiro turno são mais parceiras, fazem mais pesquisas juntas e trocam constantemente experiências sobre formas de resolução de problemas, até porque elas se encontram diariamente. A coordenadora pedagógica confirma essa primeira impressão em entrevista, quando diz que “os professores de primeira à quarta são mais receptivos, lideram projetos e festas, e estão sempre presentes em reuniões e eventos”. Ela tem procurado realizar reuniões pedagógicas com as professoras para, juntas, encaminharem soluções àqueles problemas levantados nos conselhos e percebidos no dia a dia, dentre os quais se destacam a busca pela diminuição da repetência e da evasão e a melhoria na leitura e no desempenho dos estudantes.

Os projetos coletivos da escola e especialmente do turno da tarde são criados por alguns professores que se encontram na hora do recreio, como ocorre com a professora de Literatura, que trabalha junto com o de

Por exemplo, a comemoração do centenário de fundação do distrito (segundo semestre de 2006), ou, ainda, o projeto *Meio Ambiente, crises e perspectivas* (primeiro semestre de 2007).

História e a de Artes. Os encontros ocorrem mais intensamente quando é um projeto da escola¹³, mas mesmo assim, a interação é feita por bilhetes deixados na secretaria ou colados à mesa da biblioteca, que, lembro, funciona também como sala dos professores.

Tendendo mais para o “tipo ideal” anárquico do que para o burocrático, a articulação das tarefas se realiza com grandes dificuldades na escola e a tendência é a independência máxima entre os professores, cujas ações geralmente fogem ao controle da direção. Na última reunião de professores, dona Clair pediu a eles que a avisassem quando planejassem faltar, porque, às vezes, eram os alunos que o faziam: “e eu fico com cara de boba”, completou ela.

Como consequência desse modelo de organização (TARDIF, LESSARD, 2005), os objetivos gerais da escola ainda não estão bem definidos, e uma multiplicidade de preferências fica sem muita coordenação. A escola até os tem escrito no Projeto Político Pedagógico, mas este é produção individual de uma professora, e ainda que tenha sido concebido pela maioria dos professores mais antigos, quando a demanda da Secretaria Estadual de Educação surgiu, se configura na escola como uma formalidade vazia (DEMO, 2006).

PALAVRAS FINAIS

De todos os aspectos explicitados anteriormente que definem a identidade da escola-da-dona-Clair, destaco alguns que considero melhores indicadores do bom funcionamento da escola, como “as razões do improvável” (LAHIRE, 1997), todos ligados entre si:

- Por considerarem a escola como o espaço da sociabilidade e do encontro (além de acesso à cultura acadêmica), os estudantes gostam e as faltas são raras, em que pesem os aspectos penosos do trabalho escolar. Os professores respeitam e/ou valorizam o mundo rural, consideram o ambiente bom e o público escolar interessado, e essa visão positiva motiva-os ao trabalho.
- O quadro de professores mantém-se estável, apesar da distância da escola em relação às residências.
- A direção gere a escola pública como se ela fosse particular (com diluição das fronteiras entre a casa e a escola), não economizando esforços e “jeitinhos”. De fato, a escola está situada em duas dimensões simultaneamente: no mundo público, como espaço de socialização, e no mundo privado, como espaço de sociabilidade. Ademais, a direção transgride o regime burocrático da organização escolar, aproximando-o de um modelo anárquico de organização, o que, por sua vez, libera os professores, que têm autonomia para realizarem seu ofício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONAMINO, Alicia. Gestão educacional: o que dizem as pesquisas. *Nuevamerica*, Rio de Janeiro, n.105, p. 34-39, mar. 2005.
- BRANDÃO, Carlos R. *O Trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural*. São Paulo: FTD, 1990.
- BRASIL. Inep. *Estatística dos professores no Brasil*. Brasília, out. 2003. Disponível em: <www.sbfisica.org.br/arquivos/estatisticas_professores_INEP_2003>. Acesso em: fev. 2006.
- _____. *Saeb 2005, primeiros resultados: médias de desempenho do Saeb/2005 em perspectiva comparada*. Brasília, 2007. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/resultados/SAEB1995_2005.pdf>. Acesso em: jun. 2006.
- BRESSOUX, Pascal. As Pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito-professor. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 38, p. 17-85, dez. 2003.
- CALAZANS, Maria J. C. Para compreender a educação do Estado no meio rural: traços de uma trajetória. In: THERRIEN, Jacques. *Educação e escola no campo*. Campinas: Papirus, 1993. p. 15-42.
- CANÁRIO, Rui. *O Que é a escola? Um "olhar" sociológico*. Porto: Porto, 2005.
- CAPELO, Maria Regina. Papéis sociais cruzados: memórias e representações de professoras rurais. *Múltiplas Leituras*, São Bernardo do Campo, v.1, n.1, 2008. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/multiplas-leituras/multiplas-leituras-01/papeis-sociais-cruzados-memorias-e-representacoes-de-professoras-rurais/>>. Acesso em: fev. 2009.
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos, Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out.1998.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 136-161.
- DEMARTINI, Zeila de B. F. Desigualdade, trabalho e educação: a população rural em questão. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 64, p. 24-37, fev. 1988.
- DEMO, Pedro. *Avaliação: para cuidar que o aluno aprenda*. São Paulo: Criarp, 2006.
- DUBET, François. *Le Declin de l'institution*. Paris: Seuil, 2002.
- FARIA, Roberto. *Breve contribuição à história da Região Serrana*. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- FUNDAÇÃO IBGE. *Cidades*. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: jun 2011.
- HUTMACHER, W. A Escola em todos os seus estados: das políticas de sistemas às estratégias de estabelecimento. In: NÓVOA, António (Coord.). *As Organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 46-76.
- LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.
- MAIA, Eny Marisa. Educação rural no Brasil: o que mudou em 60 anos? *Em Aberto*, Brasília, v.1, n. 9, p. 27-33, 1982.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: ZALUAR, Alba (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 39-61.

NEVES, Eloiza Dias. *Entre o "quintal", a "casa" e a "rua", o ofício docente em contexto rural: um estudo de caso*. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PERRENOUD, Philippe. *Ofício do aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto, 1995.

SIMMEL, George. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.) *Simmel: sociologia*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1978. p. 165-181.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O Trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2005.

TEDESCO, Juan Carlos; TENTI FANFANI, Emilio. Novos docentes e novos alunos. In: CONFERÊNCIA REGIONAL "O DESEMPENHO DOS PROFESSORES NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE: NOVAS PRIORIDADES", Brasília, jul. 2002. *Trabalho apresentado...* Brasília, 2002.

VEIGA, José Eli da. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2002.

ELOIZA DIAS NEVES

Professora adjunta do Departamento de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense – Niterói (RJ)
edneves@id.uff.br